



## **UM OLHAR SOBRE O PENSAR A PRÁTICA**

Carmem Rosane Bozzetti Rodrigues – IFSUL

### **Introdução**

Este trabalho tem o objetivo de apresentar uma reflexão sobre estágio realizado em uma escola técnica estadual localizada na cidade de Rio Grande, na qual atuo como docente, tendo sido motivada pela atividade de Prática Pedagógica de um curso de Especialização em Educação Profissional com Habilitação em Docência.

Ao atuarmos como docente, passamos a ser referência para os alunos, mediadores em momentos de transformação e aprendizagem destes e podendo ser motivadores de suas conquistas. Precisamos, então, estarmos comprometidos com as mudanças sociais, culturais e profissionais, buscando um aperfeiçoamento contínuo para que possamos atuar com competência necessária como atores coadjuvantes na história de vida cada aluno.

Logo, precisamos aprender a pensar e repensar em cada um de nossos atos e práticas, assim como menciona Demo (2008, p.47): “Aprender é a maior prova de maleabilidade do ser humano, porque, mais que adaptar-se à realidade, passa a nela intervir.”

A seguir, passo a relatar minha experiência docente, logo após o estágio, tecendo algumas considerações ao final.

### **Minha experiência docente**

Após um ano e meio trabalhando como docente e concluindo meu estágio, percebi que no decorrer deste tempo, muitas experiências haviam sido vivenciadas, muitas descobertas, e dúvidas haviam surgido. Foram muitas as possibilidades proporcionadas no decorrer do estágio de refletir sobre como posso agregar toda estas experiências à minha prática diária, buscando minha satisfação como docente, a qual está diretamente vinculada à satisfação do aluno em sala de aula, e do ser humano que vive em busca do aprendizado. Como cita Carbonell (2002, p.21-27), destacando alguns elementos integrantes do processo de inovação

educativa: “A mudança e a inovação são experiências pessoais que adquirem um significado particular na prática, já que devem atender tanto aos interesses coletivos quanto aos individuais.” E ainda, quando conclui: “(...)que os efeitos das inovações não apenas devem ser analisados no seio da instituição escolar, mas também nos itinerários pessoais, formativos e profissionais dos estudantes após seu período de escolarização e ao longo de toda sua vida.”

Desta forma, minha experiência como docente iniciou quando descobri que estava sendo contratada para substituição de um ex-professor com quem aprendi o conteúdo desta disciplina, e que me inspirou, pois me marcou por sua atuação com seus alunos pelo carinho e paciência ao repetir as explicações tantas vezes quantas fossem necessárias. Logo, minha prática docente começava com a substituição de uma pessoa que marcou minha vida como discente e que com certeza agora estaria marcando-a como docente. Foi então que após o término do trabalho com a primeira turma, surgiu o questionamento: Por que fazer qualquer coisa diferente se a disciplina sempre funcionou com este professor? Num primeiro momento foi o que me ocorreu. Porém, no semestre seguinte, percebi que eu não poderia ser igual novamente, não funcionaria, pois eram outras pessoas na sala de aula. Teriam atitudes diferentes ou não? Teriam outras formas de interpretação e aprendizagem? E eu não poderia roboticamente repetir sempre a mesma atuação.

Assim, já participando do curso de formação pedagógica e vivenciando minha primeira experiência num curso na área da educação, surgiu a necessidade da realização do estágio, ocasião que me possibilitaria a utilização de uma metodologia diferente e de refletir sobre esta prática, contando com apoio de orientadoras, da participação de outros colegas docentes, dos alunos e ainda teóricamente embasada.

## **O Estágio**

No período do estágio as aulas foram programadas sempre com base no desenvolvimento das aulas anteriores, procurando construir a nova aula adaptando a temática a ser desenvolvida ao aproveitamento obtido pelo grupo em sala de aula. E sobre este período, gostaria de fazer algumas considerações em relação ao desenvolvimento.

Em relação à participação do aluno em sala de aula, pode-se afirmar que quando o aluno participa, acontece, conjuntamente, a construção do aprendizado, gerando uma autoconfiança muito grande dentro do grupo, permitindo que eles invistam mais em seu potencial. Porém neste caso, pude também observar que alguns alunos não ficaram satisfeitos quando sugeri, por exemplo, construção de alguns conceitos em sala de aula. Estes alunos queriam os conteúdos prontos para o simples registro em seus cadernos, e apresentando uma

postura, de que trabalhando de outra forma, o professor não estaria cumprindo com o seu papel demonstraram estar condicionados a uma prática, em que o professor deve ser o detentor da sabedoria e eles apenas receptores. Por acreditar na construção do aprendizado através da contribuição de cada integrante da sala de aula, percebo-me respaldada pela citação de Freire (1997, p.52): “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Durante a disciplina foram propostas atividades em pequenos grupos, tanto nas aulas teóricas como nas práticas, porque percebi que a interação entre os alunos fora crescente, e com o passar das aulas alguns grupos passaram a tomar formas diferentes em busca de suas afinidades; procurei deixá-los livres na escolha dos participantes, somente atuando no controle do número de integrantes cada grupo para manter uma proporção e no supervisionamento dos trabalhos. Os trabalhos realizados desta forma trouxeram ótimos resultados, principalmente no desenvolvimento das atividades práticas da disciplina, havendo uma atuação muito grande dos grupos nas discussões das monografias para execução de atividades que retratavam situações rotineiras de uma empresa fictícia. Porém, este tipo de trabalho não se mostrou adequado para desenvolver a parte teórica da disciplina, já que gerou a dispersão de alguns grupos com conversas paralelas.

Percebo que o fundamental quando se trabalha com um grupo é o cuidado com este; respeitar a maturidade dos mesmos, sem abandonar a convicção no trabalho a ser desenvolvido e estar sempre pronta a readaptar-se e transformar-se visando sempre contribuir para o aprendizado, que deverá ser construído de forma gradativa, mesmo que em alguns momentos tenhamos que recuar para que aqueles que não se sintam prontos para vôos mais longos possam adquirir a autoconfiança necessária. É nestes momentos que acredito que o professor deverá parar e refletir sobre a sua prática e questionar-se, verificar se está de acordo com o trabalho que procura realizar como educador. “É pensando criticamente na prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1997, p.43). Assim, “o professor, desta forma, vai ganhando controle sobre seu modo de ensinar e pode escolher o que é melhor para a sua prática, tornando-se ele também produtor de teorias: aproxima-se a teoria à prática, o pensamento à ação, o mental ao manual, o professor ao investigador.” (PIMENTA & LIMA, 2008, p.136) Desta forma é que crescemos como seres humanos e educadores que somos.

Uma última consideração que gostaria de realizar é acerca da importância do bom relacionamento entre docente e discente; gostaria de relatar uma aula específica que antecedeu as aulas de recuperação da turma, no final do semestre. Após fazer a leitura das notas de cada

aluno, relacionando-as apenas ao número de chamada, fizemos uma mesa redonda com um bate papo informal com o propósito de avaliar os diversos momentos de nossas aulas.

Os alunos fizeram referência sobre as aulas teóricas que, em alguns momentos, tiveram conteúdos monótonos, mas relataram compreender a importância dos conteúdos, inseridos posteriormente na prática. Os alunos ressaltaram muito minha paciência de retomar diversas vezes o mesmo tema de formas diferentes até que eles tivessem entendido.

Neste momento, conversamos sobre a relação do aprendizado do técnico e graduação; salientei a cumplicidade do grupo em se ajudarem nos finais de semana através de MSN. Além disso, nas falas surgiu a importância de trazerem para sala de aula situações que estavam afastando colegas da sala, e de como conseguimos resgatá-los, outros não.

Foi lembrada a situação em que um aluno tentou, de várias maneiras, tumultuar, criticar e desvalorizar as aulas, e da maneira como foi possível contornar o problema sem afetar o restante da turma. Os namoros em sala de aula, os ciúmes e brigas que ocorreram nos bastidores da turma, os relacionamentos homo-afetivos também foram tema da avaliação. Também o fato de uma aluna que, por trabalhar até muito tarde ou à noite, muitas vezes cochilava na sala de aula, e eu ao passar por ela sutilmente a despertava, sem que os colegas percebessem, assim como o reconhecimento da aluna que faltava muito devido a problemas de saúde e que a mãe não a deixava sair de casa, afirmando que seria melhor ela desistir do curso, e que através das minhas cobranças por recuperação das aulas perdidas proporcionou-lhe que concluísse a disciplina de forma satisfatória.

Tivemos alunos que nunca compareceram na sala de aula, outros que faltaram muito, e se perderam pelo caminho. Uma aluna relatou que a maternidade a trouxe de volta à escola em busca de um futuro melhor e outra retomou os estudos após uma separação e hoje divide a mesa de estudos com o filho adolescente. Uma aluna relatou ainda que deixou de comparecer as aulas depois de perder a mãe vítima de meningite, e através de contato telefônico, conseguimos trazê-la de volta às aulas.

Para finalizar houve a constatação pelo grupo do crescimento atingido por todos em sala de aula num espaço curto de tempo.

### **Considerações Finais**

Penso então que, numa sala de aula quando se está atuando como docente aberto à participação dos alunos, dificilmente encontramos imprevistos que não possam ser incorporados ao aprendizado. Desta forma, concluo com uma citação de Freire (1997, p.25):

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar, é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro.

É nesta troca de experiências e vivências que obtemos o nosso enriquecimento e satisfação como docentes e comprovamos que o aprendizado não se limita somente a conteúdo trabalhado. Ao ouvir os alunos relatarem suas percepções acerca das aulas serem tão envolventes e de quanto aprenderam, concluo afirmando que a satisfação dos alunos impulsiona o professor a buscar cada vez mais o aperfeiçoamento de sua prática docente.

#### **Referências:**

CARBONELL, Jaume. **A aventura de inovar:** A mudança na Escola. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2002.

DEMO, Pedro. **Saber Pensar:** Guia da Escola Cidadã. São Paulo: Ed. Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 5ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** São Paulo: Ed. Cortez, 2008.

|             |                      |                     |
|-------------|----------------------|---------------------|
| Título      |                      | Autoria/Instituição |
| Resumo      |                      |                     |
| Introdução  |                      |                     |
| Relato      | Considerações Finais |                     |
| Referencias |                      |                     |